

A EUCARISTIA NO IV EVANGELHO - breve

O Evangelho segundo João não registra a tradição, comum a Paulo e aos sinóticos, da instituição da Eucaristia. No lugar da instituição da Eucaristia João traz o Lava-Pés. Em vez de oferecer o pão partido e o cálice partilhado, Jesus se ajoelha aos pés de cada um, de toalha na cintura e bacia nas mãos. Em vez de dizer “Fazei isto em memória de mim!”, diz “Fazei do jeito que eu fiz!” Em vez de mandar repetir o rito, manda reproduzir a atitude. Significa que a comunidade joanina dava mais valor ao significado do que ao significante, queria mais fazer valer o compromisso do que repetir o rito.

Não valorizava a Eucaristia?

Valorizava e muito. O IV Evangelho é o que tem o mais longo discurso de Jesus que desemboca na Eucaristia. E Jesus vai tão fundo que alguns discípulos o abandonam. Até mesmo os Doze vacilam e Jesus pergunta se eles também não o querem abandonar.

Jesus vai fundo. O IV Evangelho, para fazer o leitor mais atento ao significado das palavras de Jesus, costuma usar o seguinte artifício: Um personagem (ou grupo deles) faz uma pergunta tola, ridícula, como alguém que entendeu ao pé da letra, do modo mais grosseiro possível, o que Jesus disse. Assim é que Nicodemos pergunta se será preciso ficar pequenino e entrar no ventre da mãe para “nascer de novo”. A mulher samaritana pede que lhe dê da água que vira fonte interior, para que ela não precise mais buscar água. O Evangelista quer dizer ao leitor: “Não seja ridículo como ele!”

No capítulo da Eucaristia (6) são os judeus que fazem a pergunta tola: “Como é que este homem vai nos dar sua carne para comer?” Não pensaram no que significaria o comer a carne de Jesus, perguntaram como aquilo poderia funcionar na sua maneira de ver física e grosseira. Jesus não responde à questão do **como**, insiste no **significado** e nas conseqüências do comer sua carne e beber seu sangue, alimentar-se da sua doação cotidiana e da sua cruz. Ao final, em vez de alimentar-se, fala em engolir, tragar, deixando o verbo *fago*, comer, alimentar-se, e passando a usar o verbo *trogo*, tragar, engolir. Eles entenderam e disseram: “É dura demais esta palavra! Quem a pode suportar?”.

E hoje?

O pior é que, por séculos, nós ficamos discutindo a pergunta tola dos judeus e nos esquecemos de meditar no que significa, no nosso dia a dia, o comer a doação cotidiana (a carne) e beber a morte violenta (o sangue) do Cristo. Ficamos discutindo o modo (transubstanciação, transfinalização, trans...) de sua presença. Transformamos a Eucaristia num objeto e esquecemos ou, expertamente, não quisemos assumir o significado do comer a carne e beber o sangue do Messias Jesus. Ficamos presos ao rito, ao significante, e abandonamos o significado, a vida comprometida. No máximo adotamos um significado estático, uma presença adorável e nada carnal de Jesus, esquecendo o significado dinâmico e comprometedor do aderir a ele.

As conseqüências

“É o espírito que dá vida. A carne de nada serve”. “Quem comer deste pão viverá para sempre”. “Se não comerdes a carne nem beberdes o sangue, não tereis a vida em vós”. Não é o engolir uma hóstia que garante a vida. Quando ficamos com o físico, com a presença apenas, a “carne”, falta o espírito, o significado. Falta o Espírito que Jesus comunica ao acabar de morrer, que é a disposição de morrer com ele em favor

da humanidade. Quem se alimenta de sua morte, este sim, gera vida, tem vida e garante a própria vida.

José Luiz